José Alberto Oliveira

DE PASSAGEM

ASSÍRIO & ALVIM

José Alberto Oliveira

DE PASSAGEM

ASSÍRIO & ALVIM

I
CARESTIA DE VIDA

AUSÊNCIA

Uma semana depois,
chego a casa; conto
os gatos, o número
confere. Não mais

dispéptico, nem com
bílis menos escura,
retomo o ritmo de arrotear
a vida; alguém, com maior

convicção, poderia castigar
aquilo por que espero —
a mesma dança, a mesma
música, na esperança

inglória de ignorar a morte.

FOLHAS

Duas folhas secas
de plátano
entram comigo
no elevador.
Também elas
empurradas
pelo vento.

JANGADA

Por regra, falo pouco
e, por último, ainda menos;
a maior parte do tempo
com pessoas doentes,
ou que julgam estar doentes,
ou com pessoas que cuidam
de tal gente — uma prática
insalubre, reconheço.
O meu vocabulário fica
estreito, as ideias
acanhadas, a mobília
um caldo de contrafacções
e desenhos inacabados.
A quinta década vencida,
não há jangada que valha.
Entrego-me ao silêncio,
antes que o silêncio me ganhe.

CÁLCULO INTEGRAL

Há dias esdrúxulos,
em que estamos mais perto
de nos magoar e não se encontra
caligrafia que nos alivie a letra,
nem gramática que possa indagar.

Acrescento uma vírgula,
ao acaso, como quem pondera
a mortalidade, sem esperar conclusões;

A tarde atropela-se
na heresia das tardes, depois
de refeição sem gosto e bebida
sem sede. Que explicação
de virtude me pode, ainda,
acometer?

TABACO

1.
Começou a chover,
ao início da tarde;
gotas maduras caem
nos ramos secos
da parreira. A vida
não parece tão ilusória —
Talvez o dia se redima,
lavado pela chuva.

2.
O mundo deixou
de ser surpresa,
a vida tornou-se hábito,
quando era vício;
vestiu, por descuido,
uma camisa
sem bolsos — a mão,
descoroçoada, insiste
em arrumar o isqueiro
e o maço de cigarros
em local que não existe.

A CASA

A casa está cheia
de ruídos. A casa
onde vivi o que supus
serem os melhores anos
da minha vida

(talvez fossem,
sujeitos a cuidados,
vítimas de carinho).
Quem aqui viveu
já não os ouve:

a chuva nas janelas,
a crepitação do soalho,
o soluço da água
nos canos. No dia
em que não regressar,

o soalho
continuará a ranger,
a chuva e o vento
a assombrar portas
e janelas.

Um silêncio,
que os bichos não partilham
e os castanheiros ignoram,
haverá de suportar
outros ruídos.

A BIZARRIA DAS LEIS BIOLÓGICAS

Agora não há
alternativa:
acabou o espectáculo,
que devia
continuar.

Os semáforos
ficaram todos
vermelhos.
Ainda terei
de agradecer?

JAO (1952-)

Não tenciono interrogar
a escuridão além do traço,
basta-me o esforço do início
e a resignação de ter chegado
ao ponto, antes do traço,
onde medito, sem muito
esforço, na negligência
ou embaraço em que pros-
sigo. Um século terminado,
outro por desdizer. Acaso
haverá inquietação que
possa salvar o espaço?

A pergunta supõe cansaço
e a resposta está por haver.